

## INTRODUÇÃO

O fenômeno do terrorismo não é uma novidade no campo das Relações Internacionais. Entretanto, passou a ocupar um maior espaço na agenda internacional ao modificar sua forma de atuação. Tradicionalmente de cunho contestatório, esta atuação, antes seletiva e centrada em reivindicações nacionalistas e separatistas conectadas a uma aspiração ideológica, passa a ser de caráter global e de total oposição aos valores e à ordem vigentes, manifestando-se desprovida de caráter discriminatório quanto às vítimas de seus atos, cada vez mais midiáticos e espetaculares. É o que passou a ser denominado terrorismo catastrófico.

O desmoronamento da ordem bipolar vigente no período da Guerra Fria acelerou o processo de globalização, criando as condições para a ascensão dos Estados Unidos da América (EUA) como única superpotência planetária. A partir de então, de forma crescente e gradual, os EUA recorreram a medidas percebidas como unilaterais no cenário internacional, principalmente pelos perdedores da globalização, em especial o mundo islâmico. Tal dissonância teve como uma de suas conseqüências o aumento do ressentimento contra os Estados Unidos, que foi muito explorado pelas organizações terroristas de cunho fundamentalista.

Outra conseqüência do final da Guerra Fria, em particular do desmantelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), foi a perda do controle dos arsenais de armamentos soviéticos, incluindo armas de destruição em massa. A partir do final dos anos 80, esses arsenais deixaram de ser monopólio de Estados nacionais e chegaram às mãos de atores não-estatais como as redes terroristas e as organizações criminosas transnacionais. Paralelamente, houve um crescimento do nú-

mero de Estados considerados falidos por não conseguirem exercer um mínimo de controle e segurança dentro do seu próprio território. O controle da proliferação de armamentos, principalmente das armas de destruição em massa, é um dos temas mais sensíveis da agenda internacional contemporânea.

O processo de globalização, por sua vez, ao incentivar a homogeneização dos padrões culturais globais segundo o modelo ocidental, ao mesmo tempo em que evidenciava as assimetrias de poder e riquezas do mundo contemporâneo, causou um sentimento de frustração, em algumas sociedades, propício à exploração por parte dos grupos terroristas fundamentalistas. Paradoxalmente, a globalização facilitou a interconectividade planetária, o que favoreceu a emergência do fenômeno das redes transnacionais, explorado com maestria por esses mesmos grupos.

O presente trabalho abordará a mudança ocorrida nos fundamentos do terrorismo antes da derrocada comunista, o qual designaremos de terrorismo ideológico, que, como já visto, adquire novas características e se torna catastrófico, passando a ocupar um espaço sem precedentes na agenda internacional. Ressalta-se que, diferentemente de vários autores, consideramos que o terrorismo catastrófico não se inicia com os atentados de 11 de setembro nos EUA. As indicações de que uma nova modalidade de terrorismo estava em curso já haviam sido evidenciadas com o primeiro e fracassado atentado contra o World Trade Center, em Nova Iorque, em 1993, e reforçadas por meio dos atentados contra o metrô de Tóquio e contra uma repartição federal norte-americana em Oklahoma City, ambos em 1995. Sendo assim, o 11 de Setembro foi simplesmente o mais televisivo e marcante evento de um processo que já se iniciara antes, pelas causas acima descritas.

Para tentar demonstrar a evolução desse processo, discutiremos, inicialmente, as modificações no cenário internacional introduzidas pela globalização e pelo desmoronamento da ordem bipolar vigente no período da Guerra Fria. Em seguida, abordaremos o fenômeno terrorismo em si, seu conceito, sua evolução histórica e as diferenças fundamentais entre o terrorismo ideológico e o catastrófico. O capítulo seguinte aborda o papel desempenhado pelo fundamentalismo religioso, nas suas diversas vertentes, para o aumento do terrorismo catastrófico. Dando prosseguimento, será estudada a influência do fenômeno da proliferação de redes transnacionais e suas contribuições para o maior protagonismo do terrorismo na agenda internacional. Na sequência, serão discutidas as ações dos EUA no campo das Relações Internacionais ocorridas no período compreendido entre 1989 e os dias atuais que, de alguma forma, influenciaram nesse processo. Por fim, apresentaremos as conclusões obtidas em decorrência dos fatores expostos anteriormente sobre as causas das modificações ocorridas na incidência, na forma e na repercussão do fenômeno terrorismo nas Relações Internacionais atuais, incluindo as premissas para o seu melhor enfrentamento.

### O FIM DA ORDEM BIPOLAR E O PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO

“Estamos no início de uma nova era, caracterizada por grande insegurança, crise permanente e ausência de qualquer tipo de *status quo* [...]” (M. Stümer *apud* Hobsbawm, 2003:537).

#### *O fim da ordem bipolar e os reflexos para o terrorismo*

As significativas transformações ocorridas no sistema internacional nos

estertores dos anos 80 levaram ao encerramento do período histórico rotulado pelo historiador Eric Hobsbawm como “O breve século XX” (da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS). Essas mudanças foram tão velozes e profundas que surpreenderam a maioria dos analistas de Relações Internacionais. O presente tópico procurará sintetizar essas transformações e apresentar os seus reflexos no que tange ao fenômeno do terrorismo.

O sistema condominial americano-soviético que ruíu com a queda do muro de Berlim, em 1989, e a desintegração da URSS, em 1991, iniciou-se por volta de 1947, com o começo da chamada Guerra Fria. Tal sistema caracterizou-se pela bipolaridade e pelo embate entre as duas superpotências (EUA e URSS) nos campos político, ideológico, econômico e estratégico-militar. Apesar das tensões, o equilíbrio entre as superpotências era mantido, principalmente, pela capacidade de mútua destruição assegurada, materializada nos seus arsenais nucleares.

A competição nos diversos campos citados levou as duas superpotências à criação de um sistema de órbitas de influência. Era um modelo caracterizado pela concorrência extrema no centro do sistema e pelo conflito aberto na periferia. Segundo Amado Cervo, “durante a Guerra Fria, as duas superpotências eram estimuladas a buscar aliados, socorrê-los ou reprimir insubordinações diante da repartição dos países em zonas de influência. A globalização desse intervencionismo declina com o término da bipolaridade e os Estados liberam seus impulsos, na expectativa de que ninguém lhes venha obstruir a política de segurança” (Cervo, 2001: 200).

Com o final da competição entre as superpotências, em função do colapso soviético, os EUA passam a ser a única superpotência planetária, com esmagadora su-

perioridade militar. Entretanto, a nova ordem que surge ainda suscita dúvidas quanto ao seu real formato, sendo considerada pela maioria dos analistas como um período de transição, difuso e de alta complexidade e conflituosidade.

No que tange ao terrorismo, cabe ressaltar que as percepções conflitantes dos EUA e da URSS durante o período da Guerra Fria afetaram, inclusive, a possibilidade de efetiva cooperação multilateral na elaboração de normas abrangentes de prevenção e combate ao terror. Como destaca o professor Alcides Costa Vaz: "Até o final dos anos oitenta, [...], os instrumentos de cooperação multilateral para o enfrentamento ao terrorismo internacional, reiterando tendência inicial, foram definidos em razão dos tipos de atentados mais frequentes e, por conseguinte, dos alvos mais recorrentes. O tratamento de questões de ordem conceitual e das múltiplas causas do fenômeno ficou relegado à discussão acadêmica sem incidir diretamente na definição de políticas e de ações no plano internacional" (Vaz, 2004:83-84).

A razão principal do conflito de percepções entre EUA e URSS residia no enquadramento como terroristas ou não dos movimentos guerrilheiros de libertação nacional que proliferaram durante o período de descolonização do pós-guerra. A URSS apoiava e financiava esses movimentos, que, muitas das vezes, eram considerados terroristas pelos EUA (Sutti e Ricardo, 2003:42). Com o desmantelamento da ordem bipolar surgem novas perspectivas de cooperação multilateral no combate ao terrorismo de uma forma mais abrangente, que, no entanto, não foram aproveitadas.

Outra consequência, com reflexos para o terrorismo, das transformações pelas quais passou o sistema internacional foi o aumento do número de Estados ditos fra-

cassados, concomitantemente com o incremento da oferta de armamento decorrente do desmantelamento do arsenal soviético, inclusive com a possibilidade de proliferação das armas de destruição em massa.

O espectro da utilização dessas armas por atores não-estatais passaria a pairar na agenda internacional e seria determinante na formulação de políticas a partir da década de 90. Conforme sugere Huntington, "no mundo pós-Guerra Fria, a competição fundamental em termos de armamentos é de outro tipo. Os antagonistas do Ocidente estão tentando obter armas de destruição em massa e o Ocidente está tentando impedi-los. Não é um caso de aumento versus aumento, mas sim de aumento versus contenção" (Huntington, 1997:2003).

Com relação à proliferação dos Estados ditos fracassados, a partir dos anos 90 eles seriam protagonistas na grande maioria das crises internacionais, como nos casos do Haiti, da Somália, do Camboja, de Ruanda, do Congo, do Afeganistão e de outros países. Tais crises suscitariam posicionamentos como o de Francis Fukuyama: "A intimidação não funciona quando a probabilidade do uso de armas de destruição em massa é substancial. O princípio da soberania por si só nunca seria suficiente para proteger um país que desse abrigo a este tipo de ameaça. Portanto, a solução desse problema leva exatamente ao mesmo resultado da intervenção humanitária: a necessidade de invadir esses países e assumir sua governança para eliminar essas ameaças e impedir que voltem a surgir no futuro" (Fukuyama, 2004:130).

Assim sendo, a mudança na ordem estruturante do sistema internacional adicionou novos fatores de instabilidade ao sistema que, juntamente com algumas consequências advindas do processo de globalização, abordadas a seguir, teriam reflexos importantes na incidência do fenô-

meno do terrorismo nas relações internacionais. Por outro lado, o fim da era bipolar favoreceu uma abordagem mais multilateral do tema terrorismo por parte da comunidade internacional, oportunidade que não foi aproveitada em todo o seu potencial.

### *O processo de globalização*

Nos últimos 30 anos, o mundo vem passando por um acelerado processo de desenvolvimento nos campos das comunicações, dos transportes e do processamento de informações, que tem conferido maior autonomia aos indivíduos. Dessa forma, ficou mais fácil movimentar pessoas, produtos, finanças, informações e idéias através de fronteiras, o que antes era monopólio de governos e de grandes corporações. Os terroristas também souberam tirar proveito dessas mudanças em prol de seus objetivos, e é sob esse enfoque que analisaremos as mudanças introduzidas pelo processo de globalização (Talbot e Chanda, 2002:12).

**No processo de globalização, embora a dimensão econômica seja a mais aparente, a dimensão cultural é a que absorverá as mais graves conseqüências.** A interferência cultural, a partir da convivência num mundo globalizado, tem o potencial e as condições de tornar fato o desaparecimento das culturas nacionais e das raízes culturais dos indivíduos de uma mesma sociedade.

Segundo Marta Skinner de Lourenço, “a globalização econômica não é uma imposição tecnológica nem um fenômeno puramente econômico. As transformações que se aceleraram a partir da década de 1970 não suprimiram as tendências de longo prazo do sistema capitalista, nem sua forma de evolução traumática, impulsionada pelos movimentos inter-relacionados da acumulação do poder e da riqueza, alavancados,

a um só tempo, pela competição interestatal e pelas relações de conflitos de dominação entre poderes hegemônicos, grupos sociais específicos e países subordinados” (Globalização in Silva, 2004: 380).

Dessa forma, o atual processo de globalização não pode ser considerado uma obra exclusiva dos mercados ou do processo tecnológico. A geopolítica que culminou com a queda do Muro de Berlim e com a derrocada da União Soviética está intimamente associada com esse processo. Para alguns analistas como John Gray, professor de Pensamento Europeu da London School of Economics, “a Al Qaeda é um subproduto da globalização. Assim como os cartéis mundiais das drogas e as grandes empresas do comércio virtual que se desenvolveram nos anos 1990, evoluiu numa época em que a desregulamentação financeira criou grandes reservatórios de riqueza no estrangeiro e o crime organizado tornou-se global. Sua característica mais distintiva – planejar uma forma privatizada de violência organizada no mundo inteiro – seria impossível no passado” (Gray, 2004:11-12).

No campo tecnológico, a globalização ofereceu ao terrorismo uma nova gama de possibilidades para ampliar sua atuação, como destaca o jornalista e ex-oficial de Inteligência do US Marine Corps Dan Verton: “[...] grupos terroristas como Al Qaeda, Hamas e Hezbollah têm ativamente usado mensagens criptografadas em computador e Internet cafés para manter um alto ritmo de operações. Esses grupos também indicam estar se movendo do terrorismo tradicional patrocinado por Estados para um terrorismo que se utiliza de moderna tecnologia, incluindo a Internet, para apoiar o seu levantamento de fundos e o constante recrutamento de novos simpatizantes para sua ideologia” (Verton, 2003:108).

A distribuição desigual dos benefícios do processo de globalização é compreensível por se tratar de um processo competitivo e fadado a premiar o maior empreendedorismo. Entretanto, conforme lembra o professor Argemiro Procópio, “a globalização de mão única trai o espírito universitário, concentrando consigo o poder da indicação em que direção se deve pensar e julgar o internacional” (Procópio, 2003:43). Portanto, o desafio maior que se impõe atualmente é estender a todos os países os benefícios que até o momento se restringiram a um seleto grupo de países desenvolvidos.

Os líderes de organizações terroristas atuais normalmente apresentam-se como críticos do processo de globalização. Essas críticas se concentram, principalmente, no que consideram como uma tentativa de homogeneização de padrões culturais segundo um paradigma ocidental e na distribuição desigual dos benefícios, que, segundo esses líderes, perpetua as condições de atraso e submissão a que é relegada uma grande parcela da população mundial. Neutralizar o discurso dessas lideranças que se dizem porta-vozes dos excluídos desse processo é um dos maiores desafios daqueles que combatem o terrorismo atualmente.

Paradoxalmente, as organizações terroristas têm se beneficiado dos progressos trazidos pela globalização, principalmente no campo das comunicações e dos transportes, que facilitam o livre deslocamento de seus integrantes e a propagação de suas idéias.

Contextualizadas as principais modificações ocorridas na ordem internacional após a derrocada do comunismo e suas repercussões para o terrorismo em conjunto com as mudanças advindas do processo de globalização, serão abordados no item seguinte os conceitos de terrorismo e a evolução do fenômeno ao longo dos tempos.

## A INCIDÊNCIA DO FENÔMENO TERRORISMO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

“A ânsia de destruir é também uma ânsia criativa”

Mikhail Bakunin, anarquista russo do século XIX.

(Apud Woodcock, 2004: V.1 p.168).

### Conceitos de terrorismo

A dificuldade de se chegar a um consenso sobre uma definição de terrorismo universalmente aceita é uma indicação da complexidade do fenômeno em questão. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, tem frisado em seus relatórios a importância de os Estados membros alcançarem uma definição consensual de terrorismo que sirva de ponto de partida para uma convenção abrangente sobre o tema, permitindo, assim, a elaboração de estratégias globais de combate a este que vem sendo considerado o flagelo do novo milênio (Annan, 2004: 3-4; 2005: 25-26).

Existe uma grande variedade de conceitos de terrorismo em função dos propósitos almejados e dos enfoques dados pelos estudiosos do assunto. Para alguns, como Didier Bing, “o terrorismo é uma relação e não um conceito. Seu significado varia de acordo com os atores e com as circunstâncias: a história tem mostrado que aqueles que se dizem ‘resistentes’ serão denominados ‘terroristas’ por seus adversários e que, muitas vezes, o ‘terrorismo’ é a violência do outro, pretexto para exercer sua própria violência” (Apud Smouts, Battistella e Vennesson, 2003: 482).

Ainda dentro dessa linha de argumentação, Jacques Derrida chama atenção para a necessidade de ser cuidadoso com a utilização do termo terrorista, já que “todo terrorista no mundo alega que está agindo

em legítima defesa a um terrorismo anterior da parte do Estado” (*Apud Borradori*, 2004:112).

Ao discorrer sobre o conceito de terrorismo político, Norberto Bobbio, inicialmente, ressalta o entendimento corrente do terrorismo como “a prática política de quem recorre sistematicamente à violência contra as pessoas ou as coisas provocando o terror”, que por sua vez está ligado a um regime de emergência a que um governo recorre para se manter no poder, como no caso da prática do Estado francês durante o período Jacobino da Revolução Francesa entre 1793 e 1794 (Bobbio, Matteucci e Pasquino, 2004: 1242).

No caso do terrorismo político, que também pode ser entendido por “instrumento ao qual recorrem determinados grupos para derrubar um governo acusado de manter-se por meio do terror”, Bobbio faz questão de separar o terrorismo enquanto fenômeno limitado ao âmbito do Estado, do terrorismo internacional, em particular no caso das guerras de libertação nacional inseridas num contexto político internacional. No primeiro caso temos o exemplo do movimento populista russo *Narodnaja Volya* (Vontade do Povo), do século XIX, que se notabilizou por utilizar o terrorismo como seu principal instrumento de luta, assassinando, dentre outros, o czar Alexandre II da Rússia, em 1881. No caso do terrorismo internacional é citado o exemplo do terrorismo palestino, que representa uma forma de luta política internacional que foge aos padrões tradicionais de guerra entre Estados (*Ibid.*, p. 1242-1244).

Na mesma linha de Bobbio, o *Dicionário Aurélio Buarque de Holanda* define terrorismo como sendo “modo de coagir, ameaçar ou influenciar outras pessoas, ou de impor-lhes a vontade pelo uso sistemático do terror. Forma de ação política que combate o poder estabelecido mediante o emprego da violência” (Ferreira, 1986:1669).

O Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, que anualmente publica uma listagem das organizações que considera como terroristas, define o terrorismo como “violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente visando influenciar uma audiência” (Hoffman, 1998:38).

O diretor da *Rand Corporation* e ex-diretor do Centro de Estudos de Terrorismo e Violência Política da Universidade de St. Andrews, na Escócia, Bruce Hoffman, destaca o caráter fluido do termo terror ao longo dos anos: associado na Revolução Francesa a uma ação repressora de Estado; com os anarquistas, no século XIX, passa a referir-se a uma ação revolucionária contra o Estado; na década de 30, surge o terror repressor de Estado do nazifascismo e do stalinismo; no pós-guerra reassume os laços com a ação revolucionária ao mesmo tempo em que é utilizado para designar a ação repressora contra-revolucionária de alguns desses Estados. Para Hoffman, terrorismo “é a criação e exploração deliberada do sentimento de medo por meio da violência ou sua ameaça na busca de mudanças políticas” (Hoffman, *op. cit.*, p.15-43).

Conforme ressalta o professor da Universidade do Estado de São Paulo de Franca (Unesp) Héctor Luis Saint-Pierre, “uma das primeiras dificuldades que surge na hora de definir o que seja terrorismo decorre da característica eminentemente subjetiva do terror”. Isso ocorre pelo fato de o terror ser um fenômeno psicológico ligado a reações emocionais tais como ansiedade, incerteza ou amedrontamento, que não podem ser determinadas objetivamente.

O professor Saint-Pierre também destaca a importância de distinguir os três tipos de vítimas do terrorismo: a *tática*; a *estra-*

tégica; e a política. A vítima tática, a mais evidente, é aquela diretamente atingida pelo ato terrorista, como, por exemplo, as pessoas mortas e feridas em decorrência da ação de um homem-bomba. As **vítimas estratégicas** seriam todas aquelas pessoas não atingidas diretamente pelo ato terrorista, mas que fazem parte do grupo de risco a que pertencem as vítimas táticas. Essas vítimas seriam atingidas psicologicamente pela insegurança de saber que poderão ser as próximas vítimas táticas. Finalmente, teríamos as **vítimas políticas**, encarnadas pelo Estado ou seus representantes, que deveriam garantir a vida dos seus cidadãos, mas não obtiveram êxito (Idéias, 2003: 137-138). Um exemplo recente de vítima política do terrorismo foi o primeiro-ministro espanhol José Maria Aznar, do Partido Popular. Os atentados terroristas nas estações de trem de Madri, em 11 de março de 2004, tiveram grande peso na derrota eleitoral do seu partido, cinco dias depois, contrariando todas as pesquisas de opinião realizadas antes dos atentados.

Bruce Hoffman ressalta a importância de não se confundir terrorismo com guerrilha; para isso elenca algumas distinções básicas: guerrilhas capturam e mantêm território e operam a partir de uma base onde exercem determinado tipo de controle ou soberania sobre a área geográfica e sua população. Atuam como pequenas unidades militares, atacando forças militares inimigas; e terroristas são grupos menores, que não capturam ou mantêm território, evitam engajamento em combate com forças militares e não exercem nenhum tipo de controle ou soberania sobre determinada área ou população (Hoffman, *op. cit.*, p.41). Talvez a Al Qaeda e sua associação com o regime talibã no Afeganistão tenham quebrado alguns desses paradigmas.

Outro ponto polêmico ao definirmos terrorismo é se focalizaremos o propósito da

ação, as técnicas utilizadas ou o praticante do ato (Stern, 2004: xix). O professor Eugênio Diniz salienta a importância de se ter em mente que “o meio do terrorismo não é o emprego ou ameaça de emprego da força, mas o emprego ou ameaça de emprego da força de maneira específica: o terror” (Diniz, 2004:19-20).

Por fim, como afirma Michael Walzer, “não importa de que modo o código político esteja especificado, o terrorismo é a deliberada violação de suas normas. [...] Desrespeita limites morais além dos quais parece ser impossível qualquer outra limitação [...]” (Walzer, 2003:346-347).

A análise comparativa das definições e considerações acima expostas demonstra que algumas características comuns estão presentes na maioria delas, quais sejam: **a finalidade política; o emprego de meios violentos; e a intenção de influenciar um público-alvo maior que as vítimas diretamente envolvidas no ato terrorista**. No presente trabalho optou-se pelo foco simultâneo nos meios utilizados pelos terroristas e no propósito político da ação, pois consideramos ser esta a marca diferenciadora, por exemplo, de um atentado terrorista em relação a uma ação do crime organizado ou do narcotráfico, que pode utilizar as técnicas ou táticas terroristas, porém objetivando, fundamentalmente, a obtenção de lucro ilícito.

### *Evolução histórica do terrorismo*

Na história da humanidade, a violência física e psicológica sempre foi utilizada em larga escala, em nome de uma ideologia, de uma religião, da manutenção do poder, como forma de dominação, do personalismo, entre outros tantos motivos injustificáveis.

O historiador norte-americano Caleb Carr considera como marco histórico inicial do terrorismo, nesse caso terrorismo de

Estado, as guerras punitivas como a desencadeada pelos romanos contra Cartago no século III a.C. A total destruição do exército inimigo, bem como de sua cidade, e o extermínio gratuito da maioria de seu povo, incluindo idosos, mulheres e crianças, seriam os motivos da escolha (Carr, 2002: 29-32).

A professora da Universidade de Harvard Jéssica Stern prefere considerar o grupo judeu dos sicários, ao qual pertenceu Barrabás, contemporâneo de Jesus Cristo, como o pioneiro do terrorismo. Os sicários se notabilizaram pelos assassinatos de romanos utilizando a sica, uma espada de porte médio. As ações de sabotagem contra os dominadores da região da antiga Palestina ficaram famosas e culminaram com a destruição do Templo dos judeus pelos romanos e com o suicídio generalizado dos sicários em Massada (Stern, *op. cit.*).

Talvez o primeiro grupo organizado que empregou sistematicamente o assassinio por uma causa política tenha sido a seita muçulmana xiita<sup>1</sup> dos Ashishin (origem etimológica da palavra assassino), que atuou no Oriente Médio entre os anos de 1090 e 1275. Liderados por Hassan Bin Sabbah, os assassinos, que viviam em fortalezas situadas em regiões montanhosas da Síria e do atual Irã, consideravam sua missão de eliminar determinada autoridade política ou religiosa um verdadeiro rito, que invariavelmente culminava com a sua própria morte ao se deixarem flagrar. Segundo versões não confirmadas, faziam uso da substância alucinógena haxixe antes de praticar seus crimes, o que teria originado o nome da seita (Lewis, 2003: 23-24).

Entretanto, a origem da palavra terror está associada ao *régime de la terreur*, período Jacobino da Revolução Francesa, entre setembro de 1793 e julho de 1794, caracterizado por grande violência e por milhares de execuções na guilhotina. Naquela ocasião, em contraste com o seu uso contemporâneo, o termo tinha uma conotação positiva no sentido de que era um recurso do Estado para restabelecer a ordem.

Em meados do século XIX, o extremista republicano italiano Carlo Pisacane defendeu com pioneirismo a idéia de que "a violência é necessária não só para chamar atenção ou para dar publicidade a uma causa, mas também para informar, educar e em última instância arregimentar as massas em prol de uma revolução" (Hoffman, *op. cit.*, p.17). Suas idéias serviram de base para o terrorismo moderno, juntamente com outros ingredientes fornecidos pelo niilismo e por algumas correntes mais violentas do anarquismo do século XIX.

O niilismo pregava a negação de qualquer crença religiosa e de toda a ordem vigente. O niilista não acreditava em nenhum princípio moral e em nenhuma lei natural. Os niilistas russos preconizavam a libertação do povo trabalhador, e os niilistas alemães, cuja maior expressão foi Nietzsche, acreditavam que Deus havia morrido e com ele morreram todos os valores que até então davam sentido à vida humana (História do Pensamento, 1987:600-603).

O anarquismo, que deriva da palavra grega *anarkia*, sem governo, pregava uma sociedade livre de todo o domínio político e autoritário. Era um movimento dirigido substancialmente contra o Estado. Seu prin-

1 N.A.: Xiita: corrente do islamismo que surgiu após a morte do profeta Maomé, em 632 d.C., divergindo dos sunitas em função da sucessão da liderança islâmica. Os xiitas atribuem o direito de liderança ao direito de sangue da estirpe do profeta, enquanto os sunitas acreditam que o sucessor deve ser eleito pelos representantes de todo o Islã (DEMANT, 2004:396).

principal mentor foi o russo Mikhail Bakunin, que ressaltava a importância do elemento destrutivo que existe em todo processo revolucionário (Woodcock, *op. cit.*, p.168). Em 1869, Bakunin escreveria, juntamente com Serguei Nechaev, a obra *Catecismo Revolucionário*, que seria a principal referência para o anarcoterrorismo que grassou no final do século XIX, cujo maior destaque foi o grupo russo Narodnaya Volya (Woodcock, 2004: v. 2, p. 218) e cujas características permaneceriam como paradigma para as ações terroristas por um longo tempo: células secretas, rígido código de segredo entre os membros da organização, terror seletivo, roubo de armas de polícias e forças armadas e assaltos a bancos e empresas (Laqueur, 2001:28-30).

Ainda fazendo parte do caudal de transformações da virada do século XIX para o século XX, exacerbou-se o nacionalismo consubstanciado no orgulho racial e na obsessão patriótica, influenciando ações terroristas desencadeadas com o objetivo de conquista de independência, reunificação e, até mesmo, formação de uma nova pátria. O assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, do Império Austro-Húngaro, pelo ativista Gavrilo Princip, do grupo sérvio Mão Negra, desencadeou a Primeira Guerra Mundial e se enquadra na conjuntura exposta (Hoffman, *op. cit.*, p.21).

Nesse contexto, surgiu o Exército Republicano Irlandês (IRA), que teve origem no movimento Feniano<sup>2</sup>, entre 1850 e 1860. Criado em 1914, por ocasião da luta armada pela independência da Irlanda, o IRA, pelo caráter seletivo de suas ações, ensejaria o surgimento, em 1968, do IRA provisório (PIRA), visando à união da Irlanda do Norte

com a Irlanda. O IRA foi responsável pelo desencadeamento de uma série de atos de terror indiscriminado contra protestantes que serviriam de modelo a outras organizações terroristas, a partir do final dos anos 60. Dentre suas principais ações destacaram-se o assassinato do membro da família real inglesa Lord Mountbatten e o atentado a bomba contra a primeira-ministra britânica Margareth Thatcher, em 1984, durante a convenção do Partido Conservador no Grand Hotel de Brighton. Ao todo, cerca de 3.700 pessoas morreram em função do terrorismo praticado pelo IRA (Moloney, *op. cit.*, p. xiii). Em junho de 2005, numa decisão histórica, o IRA anunciou o abandono da luta armada e a entrega de todo o seu arsenal de armas.

Ainda dentro do contexto nacionalista, buscando conseguir a independência e unificação do País Basco, uma região compreendida entre Espanha e França, fundamentada em sua identidade cultural, destacou-se o grupo Euskadi ta Azkatasuna (Pátria Basca e Liberdade-ETA), fundado em 1959. Dentre vários atos terroristas que vitimaram mais de 5 mil pessoas até hoje destacou-se o assassinato do primeiro-ministro espanhol Carrero Blanco, em 1973. Atualmente, o ETA vem perdendo sua força e apoio popular (Sutti e Ricardo, *op. cit.* p. 48-50).

Na América Latina, foram grandes os reflexos da Guerra Fria e da conseqüente divisão do mundo em dois pólos antagônicos de influência: um americano e outro soviético. As táticas de guerrilha vitoriosas na Revolução Cubana de 1959, aliadas aos ideais socialistas de inspiração marxista ou maoísta, passaram a servir de fonte de inspiração para vários grupos que visavam à subversão da ordem estabelecida.

2 N.A.: Feniano: o nome vem de "Sinn Fein" – somente nós, em gaélico. Era uma sociedade secreta que agrupava imigrantes irlandeses nos EUA, com a finalidade de libertar a Irlanda da dominação britânica. Atualmente, Sinn Fein é o nome do braço político do IRA na Irlanda do Norte (Moloney, 2003:537).

Entre os principais grupos (guerrilheiros para alguns e terroristas para outros) surgidos nesse contexto destacaram-se:

- **Colômbia** – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), Movimento 19 de Abril (M 19), Exército Popular de Libertação (EPL) e Exército de Libertação Nacional (ELN). Em oposição a esses grupos surgiram as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), compostas por paramilitares, mas utilizando métodos iguais aos de seus rivais. Os grupos colombianos são peculiares por terem como uma de suas principais fontes de renda os lucros oriundos do narcotráfico em função de suas alianças com os barões da droga, o que gerou o aparecimento do termo narcoterrorismo ou terrorismo narcocriminal (Pontes, 1999: 80). Atualmente as FARC continuam muito atuantes, enquanto que o ELN e as AUC negociam sua desmobilização com o governo colombiano. O M 19 e o EPL abandonaram a luta armada;

- **Peru** – Sendero Luminoso e Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA). O Sendero foi responsável pela morte de cerca de 30 mil peruanos nos anos 80 e 90. De inspiração maoísta, seu líder, hoje preso, Abimael Guzmán, se autoproclamava a quarta espada do socialismo depois de Marx-Engels, Lênin e Máo Tsé Tung (Araújo, 2004:73-74). Atualmente o Sendero está se rearticulando e aproximando-se do modelo colombiano de vínculos com o narcotráfico. O MRTA notabilizou-se pelo seqüestro de 74 pessoas na Embaixada do Japão em Lima, em 1996-97, que culminou com a morte de todos os 14 terroristas. Atualmente, encontra-se desarticulado e sem apoio popular;

- **Brasil** – Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de Carlos Lamarca; Ação Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighella; e Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8). A VPR se notabiliza-

ria pelo atentado com carro-bomba que matou o sentinela do Quartel-General do II Exército em São Paulo, o soldado Mário Kozel, em 1968 (Sutti e Ricardo, *op. cit.*, p. 64). O “Minimanual de Guerrilha Urbana de Marighella” ficaria famoso e seria considerado uma referência por grupos terroristas sul-americanos e europeus do final dos anos 60 e início dos 70 (Hoffman, *op. cit.*, p. 29 e 52). Sua idéia central era que, no Brasil, um movimento insurrecional deveria começar nas cidades e não no campo, como no caso dos movimentos revolucionários da China e de Cuba. Outra inovação dos grupos terroristas brasileiros seria o seqüestro de diplomatas estrangeiros como forma de causar embaraços para o governo e atrair a atenção da mídia internacional (Laqueur, *op. cit.*, p. 184-187). Em meados dos anos 70 esses grupos tiveram suas ações neutralizadas pelo governo militar brasileiro;

- **Chile** – Movimento Revolucionário de Esquerda (MIR) e Frente Patriótica Manoel Rodríguez (FPMR). Ambos opositores do regime do General Pinochet, perderam o apoio local após o retorno do Chile à democracia. Suas ações atualmente se restringem a assaltos e seqüestros para angariar fundos no país e no exterior. Os seqüestros dos empresários brasileiros Abílio Diniz, em 1989, e Washington Olivetto, em 1998, contaram com a participação de terroristas chilenos ligados à FPMR;

- **Argentina** – Montoneros e Exército Revolucionário do Povo (ERP). Adeptos da tese de terror urbano de Carlos Marighella, suas ações violentas cresceram gradativamente, incluindo o seqüestro e morte do ex-Presidente Aramburu pelos Montoneros, em 1970. Diferentemente dos grupos brasileiros, chegaram a ter grande número de seguidores (25 mil os Montoneros e 5 mil o ERP), em função de contar com o efetivo apoio de várias centrais